

Um lugar bem  
longe daqui



Um lugar bem  
longe daqui

Delia Owens

Tradução de Fernanda Abreu



Copyright © 2018 by Delia Owens  
Publicado mediante acordo com G.P. Putnam's Sons,  
um selo de Penguin Publishing Group, uma divisão  
de Penguin Random House LLC.

TÍTULO ORIGINAL

Where the crawdads sing

PREPARAÇÃO

Nina Lopes

REVISÃO

Milena Vargas

Juliana Pitanga

DIAGRAMAÇÃO

Ilustrarte Design e Produção Editorial

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

O98L

Owens, Delia

Um lugar bem longe daqui / Delia Owens ; tradução Fernanda  
Abreu. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2019.  
336 p ; 23 cm.

Tradução de: Where the crawdads sing

ISBN 978-85-510-0486-9

ISBN 978-85-510-0421-0 [ci]

1. Romance americano. I. Abreu, Fernanda. II. Título.

19-55186

CDD: 813

CDU: 82-31(73)

[2019]

*Todos os direitos desta edição reservados à*

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

*Para Amanda, Margaret e Barbara*

*A você  
Se eu nunca tivesse te visto  
Nunca teria te conhecido.  
Eu te vi  
Te conheci  
Te amei,  
Para sempre.*



PARTE 1

# *O brejo*







## Prólogo

1969

*Um brejo não é um pântano. Um brejo é um lugar de luz, onde a grama brota na água e a água escoava para dentro do céu. Córregos vagarosos serpenteiam levando consigo a esfera do sol até o mar, e aves de pernas compridas alçam voo com uma graça inesperada — como se não tivessem sido feitas para voar — em meio ao rugido de mil gansos-da-neve.*

*Então, dentro do brejo aqui e ali, um pântano de verdade rasteja até lamaçais baixos escondidos em florestas úmidas. A água do pântano é parada e escura, porque engoliu a luz lá dentro da sua garganta lamacenta. Até os animais noturnos são diurnos nesse antro. Há sons, claro, mas, em comparação com o brejo, o pântano é silencioso, pois a decomposição é um trabalho das células. A vida apodrece, exala seu fedor, e volta a ser uma turfa decomposta; um comovente chafurdar de morte que gera vida.*

*Na manhã de 30 de outubro de 1969, o corpo de Chase Andrews estava caído no pântano, que o teria absorvido em silêncio, como parte da rotina. Escondendo-o de vez. Um pântano sabe tudo sobre a morte, que não define necessariamente como tragédia, e com certeza não como pecado. Mas naquela manhã dois meninos da cidadezinha saíram de bicicleta para ir até a antiga torre de incêndio e, da terceira curva da estrada em zigue-zague, viram uma jaqueta jeans.*

1.

*Ma*

1952

Fazia um calor de agosto tão escaldante naquela manhã que o hálito úmido do brejo circundava de névoa os carvalhos e pinheiros. Os palmeirais estavam estranhamente silenciosos, exceto pelas batidas suaves e lentas das asas das garças levantando voo na lagoa. E então Kya, na época com apenas seis anos, ouviu a porta de tela bater. Em pé no banquinho, ela parou de esfregar o resto de mingau de milho na panela e a colocou dentro de uma velha bacia de água com sabão. Agora não havia nenhum som além da sua respiração. Quem havia saído do barracão? Não tinha sido Ma. Ela nunca deixava a porta bater.

Quando Kya correu até a varanda, viu a mãe usando uma saia marrom comprida com as pregas da barra batendo nos tornozelos enquanto ela descia a estradinha de areia com salto alto. Os sapatos de bico fino imitavam pele de jacaré. Seus únicos sapatos de sair. Kya quis gritar, mas sabia que não podia acordar Pa, então abriu a porta e parou nos degraus de tijolo e tábuas. Dali viu a mala azul que Ma carregava. Em geral, com a mesma confiança de um filhote de cachorro, Kya sabia que a mãe voltaria com um pedaço de carne embrulhado num papel pardo sebento, ou então com uma galinha de cabeça dependurada. Mas ela nunca calçava os sapatos de jacaré, nunca levava mala.

Ma sempre olhava para trás no ponto em que a estradinha de areia cruzava com a de terra batida, com um dos braços erguidos no alto, acenando com a palma branca da mão, enquanto virava para pegar a trilha que serpenteava pelas florestas encharcadas, lagoas de tifa, e quem sabe — se a maré ajudasse — dava na cidade. Mas nesse dia ela continuou andando, sem firmeza por causa dos sulcos no chão. Sua silhueta alta surgia de vez em quando pelos buracos da floresta até apenas pedaços de lenço branco relampejarem entre as folhas. Kya correu até o ponto do qual sabia que dava para ver a estrada; com certeza Ma acenaria dali, mas chegou a tempo de ver a mala azul — uma cor tão errada para a mata — desaparecendo. Um peso, espesso como a lama negra, esmagou seu peito enquanto ela retornava aos degraus para esperar.

Kya era a mais nova de cinco, os outros todos mais velhos, embora ultimamente ela não conseguisse lembrar suas idades. Eles moravam com Ma e Pa, apertados feito coelhos em gaiolas no barracão construído de forma grosseira, a varanda protegida por uma tela que espiava com os olhos arregalados de baixo dos carvalhos.

Jodie, o irmão com idade mais próxima da sua, mas mesmo assim sete anos mais velho, saiu da casa e parou ao seu lado. Tinha os mesmos olhos e cabelo escuros que ela; havia lhe ensinado os cantos dos pássaros, os nomes das estrelas, a conduzir o barco pelo meio do capim-navalha.

— Ma vai voltar — disse ele.

— Não sei não. Ela está com os sapatos de jacaré.

— Mães não deixam filhos. Elas não conseguem.

— Você me disse que aquela raposa deixou os filhotes.

— É, mas aquela raposa estava com a perna toda arrebentada. Ela ia morrer de fome se tivesse tentado se alimentar e alimentar os filhotes também. Foi melhor deixar os filhotes, ficar boa, depois ter outros quando pudesse criar direito. Ma não está morrendo de fome, ela vai voltar.

Jodie não tinha tanta certeza quanto seu tom de voz levava a crer, mas disse isso por Kya.

Com um nó na garganta, ela sussurrou:

— Mas Ma saiu com aquela mala azul como se fosse para algum lugar importante.

O barracão ficava afastado das palmeiras que se espalhavam pelos areais planos até um colar de lagoas verdes e, ao longe, todo o charco mais além. Quilômetros

de um capim tão resistente que crescia na água salgada, interrompidos apenas por árvores tão vergadas que tinham o mesmo formato do vento. Florestas de carvalhos se adensavam ao redor dos outros lados do barracão e abrigavam a lagoa mais próxima, cuja superfície fervilhava com o tanto de vida que continha. O ar salobro e o canto das gaivotas chegavam do mar por entre as árvores.

O ato de tomar posse da terra não tinha mudado muito desde o século XVI. As habitações espalhadas pelo brejo não eram descritas de modo oficial, apenas demarcadas naturalmente pelos renegados: o limite de um córrego aqui, um carvalho morto ali. Um homem não ergue um barracão feito de folhas de palmeira num lamaçal a não ser que esteja fugindo de alguém ou que tenha chegado ao fim da linha.

O brejo era protegido por uma costa acidentada conhecida entre os primeiros exploradores como o “Cemitério do Atlântico”, porque as marés, os ventos enfurecidos e os baixios naufragavam navios como se fossem chapuzinhos de papel ao longo do que viria a se tornar o litoral da Carolina do Norte. O diário de um marinheiro dizia: “Percorremos as Costas rasas... mas não conseguimos encontrar nenhuma Entrada... Uma Tempestade violenta se abateu... fomos forçados a voltar para o Mar para proteger a nós mesmos e ao Navio, e fomos levados pela Rapidez de uma Correnteza forte...”

“A Terra... era alagada e pantanosa, por isso voltamos na direção do nosso Navio... Que Desalento para aqueles que no futuro virão se instalar nestas Partes.”

Quem procurava terras de verdade seguia em frente, e aqueles brejos infames se transformaram numa rede que capturou uma mistura heterogênea de marinheiros amotinados, naufragos, devedores e fugitivos tentando escapar de guerras, impostos ou leis que não respeitavam. Os que a malária não matava ou que o brejo não engolia criaram uma tribo de gente da mata composta por várias raças e múltiplas culturas, todos capazes de derrubar uma pequena floresta com um machado e percorrer quilômetros caçando um animal. Como ratos de rio, cada um tinha o próprio território, mas mesmo assim precisavam se encaixar nas margens ou simplesmente desaparecer algum dia no pântano. Duzentos anos depois, somaram-se a eles os escravos foragidos, que escaparam para o brejo e ficaram conhecidos como quilombolas, e também os libertos, miseráveis e destituídos, que se dispersavam pelas áreas alagadas por causa da falta de opção.

Aquele podia ser um território cruel, mas nenhum centímetro dele era estéril. Camadas de vida — siris de areia velozes, lagostins que viviam na

lama, aves aquáticas, peixes, camarões, ostras, veados gordos e gansos roliços — empilhavam-se em terra ou na água. Quem não se importasse em capturar o jantar com as próprias mãos jamais morreria de fome.

Como estávamos em 1952, alguns dos terrenos tinham sido ocupados por várias pessoas sem conexão entre si e sem escritura formal já havia quatro séculos. A maioria anterior à Guerra Civil. Outras haviam se instalado ali mais recentemente, sobretudo após os dois conflitos mundiais, quando os homens voltavam sem dinheiro e com a alma despedaçada. O brejo não os confinava, mas os definia, e como qualquer terreno sagrado mantinha seus segredos muito bem guardados. Ninguém se importava que eles ficassem com aquelas terras, pois não havia quem as quisesse. Afinal de contas, era um lamaçal abandonado.

Além do próprio uísque, os habitantes dos brejos criavam as próprias leis — não como aquelas gravadas a fogo em tábuas de pedra ou escritas em documentos, mas outras, mais profundas, carimbadas nos seus genes. Antigas e naturais como as leis nascidas de gaviões e pombos. Quando encurralado, desesperado ou isolado, o homem retorna aos instintos cujo objetivo imediato é a sobrevivência. Rápidos e justos. Esses vão ser sempre os elementos surpresa, porque são transmitidos com maior frequência de uma geração para outra do que os genes mais brandos. Não se trata de moralidade, mas de matemática simples. Entre si, os pombos lutam com a mesma frequência dos gaviões.

Ma não voltou nesse dia. Ninguém tocou no assunto. Muito menos Pa. Fendendo a peixe e aguardente de barril, ele bateu as tampas das panelas.

— Que que tem de janta?

Olhando para baixo, os irmãos e irmãs deram de ombros. Pa disse um palavrão, saiu de casa mancando e voltou para a mata. Já houvera outras brigas; Ma chegara até a ir embora uma ou duas vezes, mas sempre voltava, e recolhia do chão quem quisesse ser consolado.

As duas irmãs mais velhas prepararam feijão-vermelho e bolinhos de milho para o jantar, mas ninguém se sentou à mesa para comer, como teriam feito com Ma. Todos se serviram de feijão na panela, puseram os bolinhos por cima e saíram para comer nos colchões no chão ou no sofá desbotado.

Kya não conseguiu comer. Ficou sentada nos degraus da varanda olhando para a estradinha. Alta para a idade, tão magra que era só osso, tinha a pele muito queimada de sol e cabelo liso, preto e grosso como as asas de um corvo.

A escuridão interrompeu sua tocaia. O coaxar dos sapos abafaria o ruído de passos; mesmo assim, ela ficou deitada em sua cama na varanda, escutando. Naquela manhã mesmo tinha acordado com banha de porco chiando na frigideira de ferro e cheiro de pãezinhos assando no forno a lenha. Vestira o macacão e correrá até a cozinha para colocar os pratos e garfos. Catar os bichos do mingau de milho. Na maior parte das manhãs bem cedo, com um grande sorriso, Ma a abraçava — “Bom dia, minha menina especial!” — e as duas cuidavam dos afazeres como numa dança. Às vezes Ma cantava músicas folclóricas ou citava acalantos: “Este porquinho aqui foi ao mercado.” Ou então tirava Kya para dançar um *jitterbug*, e seus pés batiam no piso de compensado até a música do rádio a pilha parar, parecendo cantar para si mesmo do fundo de um barril. Em outras manhãs, Ma falava sobre coisas de adulto que Kya não entendia, mas imaginava que as palavras dela precisassem ir para algum lugar, então as absorvia através da pele enquanto ia pondo mais lenha no fogão. E balançava a cabeça como se soubesse.

Depois vinha a agitação de fazer todo mundo acordar e comer. Pa não aparecia. Ele tinha dois modos de agir: silêncio ou gritaria. Então era melhor quando dormia, ou quando nem sequer voltava para casa.

Mas naquela manhã Ma tinha ficado calada; o sorriso perdido, os olhos vermelhos. Havia amarrado um lenço branco ao estilo dos piratas bem baixo na testa, mas as bordas roxas e amarelas de um hematoma vazavam para fora. Logo depois do café, antes mesmo de a louça estar lavada, Ma colocara alguns pertences pessoais na mala e saíra pela estrada.

Na manhã seguinte, Kya tornou a ocupar seu posto nos degraus, os olhos escuros fixos na estrada como um túnel à espera de um trem. O brejo mais além estava envolto numa névoa tão baixa que o fundo macio encostava na lama. Descalça, Kya tamborilou os dedos dos pés e cutucou besouros com folhas de grama, mas uma criança de seis anos não consegue passar muito tempo sentada, então ela logo se aproximou da área inundada, os pés ruidosamente sugados pelo chão. Agachou-se na beira da água límpida e ficou olhando os peixinhos nadarem dos trechos ensolarados para as sombras.

Do palmeiral, Jodie a chamou com um grito. Ela o encarou; talvez ele tivesse notícias. Mas ao vê-lo serpentear por entre as folhas pontudas ela soube, pelo jeito casual como se movia, que Ma não tinha voltado para casa.

— Quer brincar de explorador? — perguntou ele.

— Você disse que era grande para brincar de explorador.

— Foi só da boca para fora que eu disse. Ninguém nunca é grande demais para essas coisas. Quem chegar por último é a mulher do padre!

Eles saíram correndo pela área alagada, entrando na mata em direção à praia. Ela deu um gritinho agudo quando o irmão a ultrapassou e riu até eles chegarem ao grande carvalho que lançava os braços enormes pela areia. Jodie e seu irmão mais velho, Murph, tinham pregado algumas tábuas por cima dos galhos para construir uma casa na árvore e uma torre de observação. Agora a maior parte estava desabando, pendendo dos pregos enferrujados.

Em geral, quando eles a deixavam brincar, era só como escrava, para levar pãozinhos quentes recém-saídos do tabuleiro de Ma para os irmãos.

Mas nesse dia Jodie falou:

— Você pode ser a capitã.

Kya levantou o braço para comandar um ataque:

— Fora, espanhóis!

Eles partiram gravetos para usar como espada e saíram correndo por entre os arbustos, gritando e golpeando o inimigo.

Então — já que o faz de conta chegava e logo passava — ela andou até um tronco caído coberto de musgo e se sentou. Sem dizer nada, Jodie se acomodou ao seu lado. Queria falar alguma coisa para que ela não pensasse mais em Ma, porém as palavras não vinham, e os dois ficaram observando as sombras das aranhas-d'água que passavam nadando.

Mais tarde Kya voltou para os degraus da varanda e esperou muito tempo, mas, enquanto olhava para o fim da estradinha, não chorou uma vez sequer. Seu rosto estava imóvel, os lábios formavam uma linha fina sob os olhos atentos. Mas Ma também não voltou nesse dia.